

Anno 1°

Rio de Janeiro

N 44

DOM QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109



D. Quixote, fiel à sua promessa, tem a satisfação de poder ainda este anno saudar os seus leitores e desejar-lhes boas festas e outras chapas do costume.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre 14\$000	Semestre 16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 28 DE DEZEMBRO DE 1895.

A NUVEM NEGRA

Chegou ante-hontem a esta capital o ilustre e benemerito general Innocencio Galvão de Queiroz, vindo do Rio Grande do Sul, onde todos sabemos o papel glorioso que representou na obra da pacificação.

Porque motivos deixou o general o seu commando militar, quando a obra da paz não se acha consolidada, nem pôde haver confiança nas promessas dos amigos e cor- religionarios do Sr. Julio de Castilhos?

Fê-lo porventura com o intuito de voltar ao seu posto de combate, ou altas razões de estado privarão definitivamente o Rio Grande do Sul da influencia benefica d'este illustrado militar?

Perservera o Sr. presidente da Republica em sua sagrada missão de congressar a familia brazileira, fazendo respeitar á custa de toda a sorte de sacrificios o pacto de 23 de Agosto, ou desfaleceu acaso, hesita, recúa?

Ahi estão interrogações, a que não é facil dar segura resposta, quando se não tem o conhecimento dos altos segredos da administração. E todavia a questão é da maior gravidade e não pôde deixar de perturbar o espirito dos verdadeiros patriotas, empenhados em vêr restituidas efectivamente aos bravos filhos do Rio Grande do Sul as garantias constitucionaes, de que um governo despotas os priva ha tres longos annos.

O que se sabe e se vê é que os infelizes federalistas que demoram lá pelas vizinhanças da fronteira, correm sempre o mesmo perigo, são perseguidos e assassinados como d'antes.

O que se sabe e se vê é que o celebre João Francisco, sem se haver lavado da mancha da barbaria e ainda sob o peso das mutilações indignas de Campo Osorio, — esse gaúcho valente mas deshumano impõe como sempre na campanha e faz ho-

je tão pouco caso das ordens do commandante do districto, como fez ha seis meses das ordens do Presidente da Republica mandando entregar o corpo do almirante Saldanha da Gama á sua desolada familia.

O que se vê mais é que as famosas auctoridades continuam a desmentir todas as noticias, ainda que se citem os nomes e as moradas das victimas do castilhismo immoladas ao furor da politica de sangue.

O que vimos ante-hontem, finalmente, com desgosto sim, posto que não com espanto, foi que ao desembarque do illustre general Galvão concorreram delegados e emissarios da Presidencia da Republica, do quartel-general, de outras auctoridades superiores, mas não concorreu siquer um ajudante d'ordens do Sr. marechal Bernardo Vasques, ministro da guerra.

Porque? Serão verdadeiros os boatos que correm de desintelligencia radical entre o referido ministro e o benemerito pacificador do Rio Grande?

Mas se essa desintelligencia existe, e porventura tem por causa as sympathias velhas do Sr. marechal B. Vasques pelo castilhismo, não se comprehende que o digno ministro persevere no posto de confiança que occupa, contra os intutitos do chefe do Estado, que até hoje não cessou de dar ao general Innocencio Galvão as mais significativas provas de apreço.

Em meio de tantas duvidas que nos sobresaltam, só uma cousa parece certa e indubitavel. E' que desponta outra vez para as bandas do Sul uma nuvem negra, prenuncio quiçá de tempestades e de novas desgraças. Oxalá nos illudamos; mas essa nuvem, que é o producto eterno dos odios castilhistas exasperados pela cessação do morticinio, e mais do que tudo talvez, pela cessação dos fabulosos rendimentos da guerra civil, — essa nuvem negra pôde engrossar e trazer no bojo um novo cyclo de calamidades sociaes.

Não nos cabe a nós decerto aconselhar o illustre presidente da Republica. Entendemos todavia que o chefe do Estado tem hoje perante o mundo o compromisso solenne de garantir a paz, e para isso não ha obstaculos que lhe devampear os movimentos, contanto que fique dentro da lei e da constituição. A condescendencia e a fraquezza não cabem a quem governa. Para a conquista de um ideal glorioso removam-se os estorvos, e a nação saberá applaudir o braço forte e justo do seu primeiro magistrado.

O que urge é conjurar a renovação das desgraças. O Brazil o espera.

AGRADECIMENTO

A seus collegas da imprensa, amabilissimos nas referencias ao regresso do director d'esta folha, confessase sumamente grato e lhes apresenta seus cumprimentos,

ANGELO AGOSTIN.

MONRÖE

E' paladino do tal Monrœ
Esse ladino Nilo Peçanha...
Porque é que assim tanto se assanha?
Onde o do-dóe?
—Monrœ... Monrœ...

Elle gritou que o tal Monrœ
Era doutrina de sapo-entanha;
E' que o subsidio Nilo Peçanha
Rôe bem... (se rôe !)
—Só por Monrœ.

Alli, na casa do sôr Monrœ
Um deputado qualquer se acanha...
Um se apresenta: nem é Peçanha:
Oscar Godoy!
—Monrœ... Monrœ...

Se diz do Grande e bom Monrœ,
O Nilo o ouvido á gente arranha;
Certo é que a claque elle arrebanha...
Mas tanto môme
O tal Monrœ !...

Nilo Vertenza de Tal Monrœ
E' romancista, que outro não ganha!
Dumas, Bourget, Lotti (Peçanha !)
Nem o Tolstoi,
Monrœ... Monrœ !

Viva o Vertenza! Viva Monrœ!
Se alguem disser que não—apanha,
Assim decreta Nilo Peçanha...
Tu mesmo Pôe,
Se dizes não—elle te alantha:
E só Monrœ!
Monrœ! Monrœ!

FÉLIX.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* passa sem novidade na sua importante saude, tanto mais quanto não frequenta casas de espiritismo nem assiste ás discussões da camara do Sr. Glycerio.

O *Paiz* d'estes ultimos dias tem se mostrado menos violento, justificando o seu aplauso ás moções do Congresso endereçadas ao presidente Cleveland, que só agora lembrou-se de lembrar-se da doutrina de Monroe.

Mas nem por isso é lícito crer que o *Paiz* arrefeceu o seu entusiasmo: apenas está um pouco menos hemonroidario.

**

O sr. Medeiros de Albuquerque, deputado illustre e espiritista, declarou na camara que o arquivo do Marechal (com m grande) está em seu poder, é d'elle Medeiros, que ha de de tal preciosidade fazer o que quizer, quando e como muito bem lhe aprouver.

A camara, convencida, disse *apoiado*. Cá por nós, diremos apenas: que topete!

**

N'um meeting clevelandista em New-York cerca de 100.000 pessoas presentes, os oradores foram vaiados e batidos, ao passo que os ouvintes tambem entre si esmurraram-se a socco velho.

Alli em S. Paulo tambem *meetinguistas* cheios de entusiasmo monroico tiveram a desdita de verem-se presos pela policia, acabando em rolo a arenga americanista.

Só aqui no Rio de Janeiro correu placidamente o *meeting* ao mesmo tempo monroico e jacobino: é que os seus promotores tomaram a sabia providencia de serem elles sós os oradores, os assistentes, e os applaudidores. Seis ao todo.

**

Por causa do excessivo calor, apresenta-se d'esta vez assim tão minguado, o noticiario de

ESCENA & MONTRY.

NO BORRALHO

Ouvi dizer que foi gratificado pela directoria da Companhia de S. Christovam o cocheiro chapa nº 81.

A gratificação foi de dez mil réis, o motivo foi ter o mesmo cocheiro achado um annel de ouro com um pedra e depositado na 14^a delegacia.

Felizmente já não ha invejosos no mundo, me parece; pois uma accão tão bonita, como a do dito cocheiro, em vez de despertar ciumes e enchel-o de inimigos, galardôa-o, premeia-o.

Ainda bem. Mas por que foi a Companhia de S. Christovam que gratificou a entrega do objecto perdido?

**

Confesso que essa pergunta, que, eu mesmo a fiz, embaraça-me.

Sim. O que devera ser era que o dono

do objecto perdido fosse o gratificante; mas a Companhia?

Só vejo uma explicação, uma ou duas: Ou a Companhia acha extraordinario o facto de se achar um annel na rua, ou a Companhia acha extraordinario o seu cocheiro. Ou ella se admira do seu empregado ser honesto, ou se admira de haver ainda quem perca um annel n'estes tempos.

Eu me admiro de tudo, do annel, do cocheiro e da Companhia; só não me admiro dos burros não terem achado, porque burros não tem dedo; mas me admiraria se esses achassem e não depositassem na 14^a delegacia.

**

Não está direito. Bem entendido que me refiro á Companhia. Que o cocheiro entregasse o annel, eu tambem o faria; mas depende de circumstancias, porque esse homem, a meu ver, deve ser solteiro e não ter namorada, se não...

Mas a Companhia gratificando-o insinua aos outras companheiros do chapa nº 81 que não esperava contar entre os seus empregados um, que entregasse o que lhe não pertence; ou então a Companhia paga pelo que os outros acham, para quando perder alguma cousa, irem-lh-a entregar.

**

Ainda ha considerações. Certas donas de casa costumam deitar nikes pelos cantos para experimentarem a fedilidade dos creados; quem sabe se a Companhia não é a propria dona do annel?

O facto, por outro lado, de se pagar a quem acha o alheio, leva muitos a pegarem do que não lhes pertence, só para depois restituirem e comerem a gorgeta.

Demais, qual é o premio da virtude?

Uma boa accão que tem a recompensa neste mundo, em dinheiro, não tem valor.

Não culpo o cocheiro que aceitou a gratificação; culpo a Companhia de S. Christovam que tirou o merito do homem. Ora bolas! culpo ambos. Tão bom é o que pagou como o que aceitou.

Quem lucrou só foi o dono do annel que ficou com o dedo e com a argola.

**

«Tornando-se efectiva a criação de duas sub-directorias no Thesouro Federal, uma de Rendas, outra de Contabilidade, com isto aproveitaram alguns ex-empregados da Fazenda, injustamente fóra do quadro activo dos funcionários publicos.»

Isto dizem as *Varias*, mas não foi este propriamente o pensamento do Governo.

Ha muito empregado por ahí, que vae vivendo como pôde. O sentido, a intenção do illustre Governo foi utilizar os serviços do eminente empregado do Thesouro, Sr. Arthur Peixoto, cujas luzes, em materia de contabilidade estão se apagando na inactividade a que o obriga uma licença forçada que lhe derão no dia em que foi nomeado e querem perpetual-a para sempre.

O genial mancebo está até mal visto pelos seus collegas que fazem pouco da sua aptidão para o trabalho que lhe commetteram.

Parabensao paiz que vae agora apreciar o talento do sr. Arthur Peixoto, empregado do contencioso ha um rôr de annos, e onde nunca, para felicidade sua (d'elle quem?) pôs os pés.

GATO PRETO.

GENERAL GALVÃO DE QUEIROZ

A redacção do *D. Quixote* tem a satisfação de apresentar suas homenagens ao illustre pacificador do Rio Grande, que ha pouco chegou a esta capital.

As saudações entusiasticas com que foi recebido esse patriota, honra de sua classe, e benemerito brasileiro, juntamos as nossas que são sinceras, insuspeitas, desde que formámos na fileira dos paladinos da paz,—embora na campanha gloriosa houvessemos ocupado o mais humilde e o mais obscuro posto.

BELLAS ARTES

Sinto bastante que um jornal tão conceituado, como é o *Jornal do Commercio*, publicasse, na sua secção editorial de *Bellas Artes*, um artigo que não tinha outro fim senão desprestigiar perante o publico um artista da ordem do Sr. R. Bernardelli.

Se esse artigo fosse da propria redacção do *Jornal*, o Sr. Bernardelli provavelmente teria directamente ou indirectamente respondido a todas as inverdades que n'elle se encontra. Mas... assignado pelo Sr. Parreira, elle entendeu e muito bem de não dar importancia, nem discutir com quem não tem competencia para tratar de assumpto d'essa ordem.

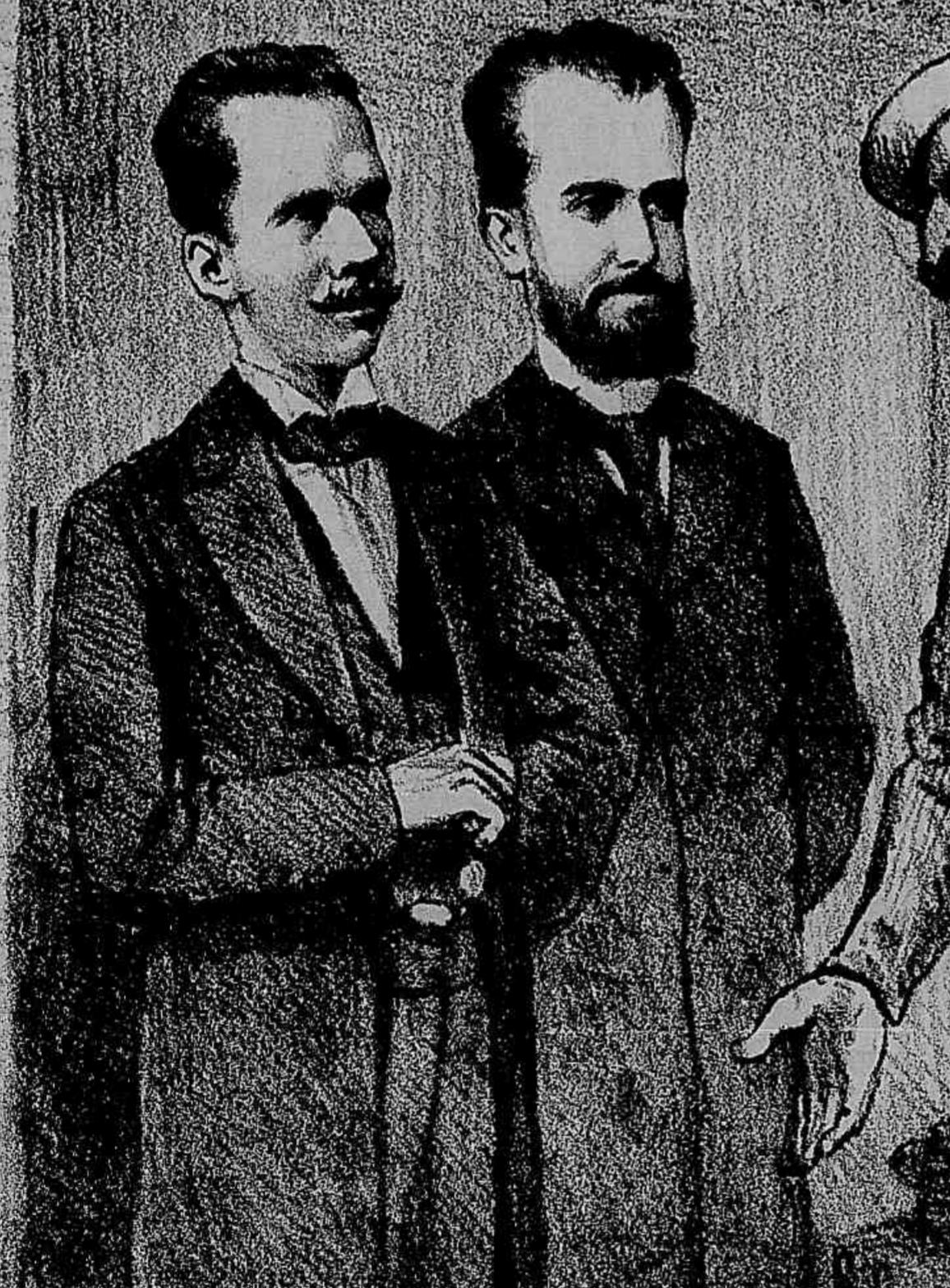
Com certeza o nosso collega não supunha que, emprestando gentilmente as columnas do seu jornal a um artista, este se servisse d'ellas para desprestigiar quem, assim como Carlos Gomes, mais alto levantou a arte na nossa terra, melhor a representou no estrangeiro, e mais chamou sobre si a attenção do mundo artístico europeu, merecendo pelos seus trabalhos a honra de ser condecorado pelo rei Humberto.

Carlos Gomes e Rodolpho Bernardelli, eis os dois grandes artistas mais conhecidos que nos honram no estrangeiro.

O defeito do Sr. Bernardelli é, não só ser bom patriota, como brasileiro de mais, apezar de ter nascido no Mexico. Por

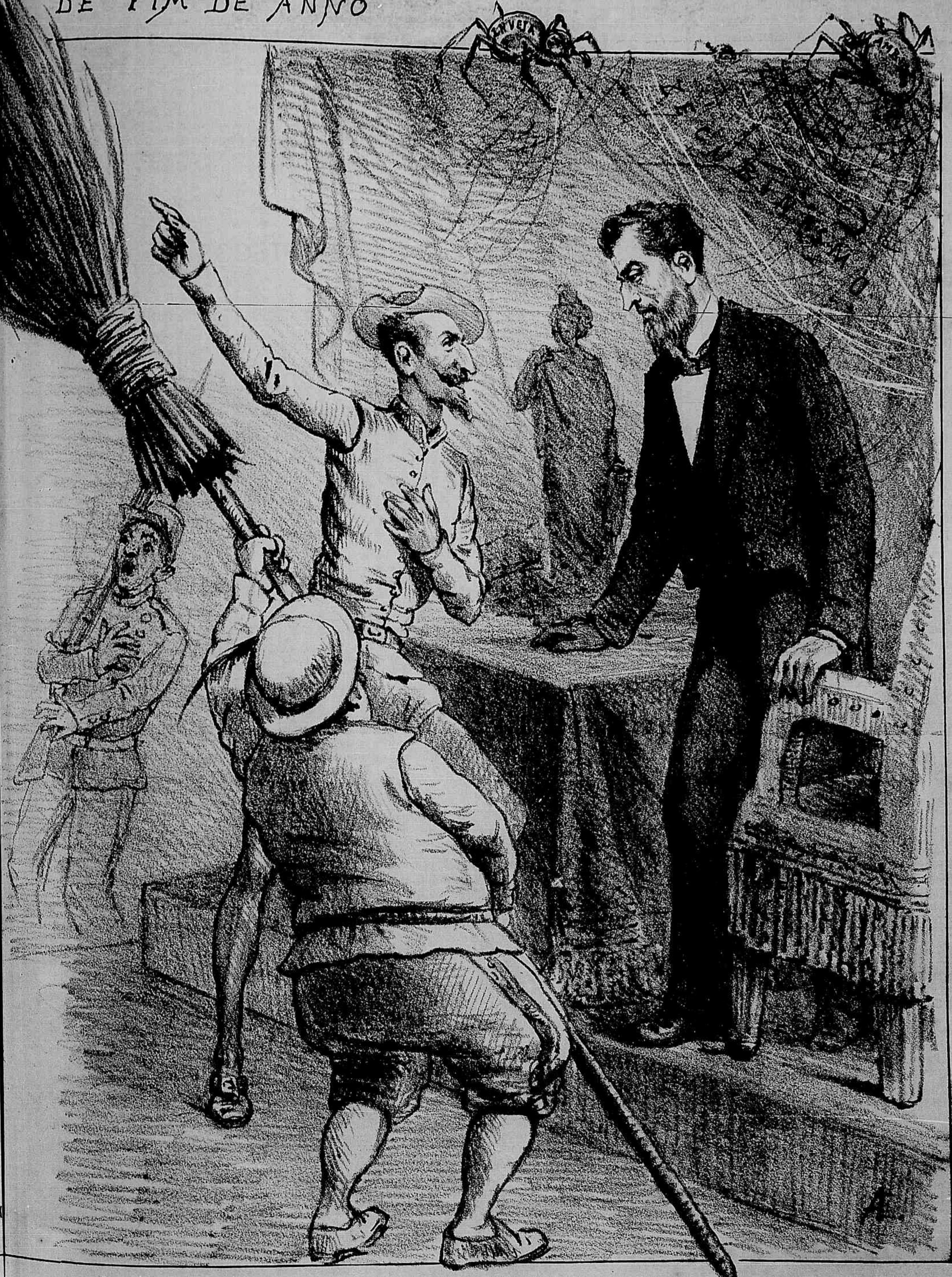
BRINDES POLITICOS

CON



As illustres presidentes do Senado e da Camara, D. Quixote offerece de festas
nos generos de primeira necessidade, para serem distribuidos, em doses convenientes,
aos illustres parlamentares que mais precisem.

DE FIM DE ANO



Ao Exm. Sr. Presidente da Republica oferecemos, com a nossa dedicacão, esta pequena vassoura para com ella afastar as aranhas que de novo estão formando teias em torno de S. Excellencia

isso elle sacrificou os seus interesses para levantar a arte nacional na sua patria adoptiva, soffrendo muitos incommodos e um sem numero de descomposturas da parte d'aquelles que se julgaram sacrificados pela reforma dos estatutos da nova Escola de Bellas-Artes.

E' evidente que si Bernardelli não tivesse o defeito, (hoje é defeito) de ser dotado de um grande coração, não só de patriota como de amigo de jovens artistas brasileiros que protegeu, elle seria mais rico, não tendo sacrificado nem o seu tempo nem a sua paciencia a aturar innumerous massadas que como reformador e director teve de supportar.

Poderia commodamente e egoisticamente, sem se importar que a Academia e a Arte Nacional fossem pela agua abajo, ter executado os inumerous e importantes trabalhos que lhe eram encommendados. O proveito seria d'elle; e hoje, outra estatua equestre, a do Duque de Caxias, figuraria em bronze, (assim como a do Ozorio) no bello Largo do Machado.

Mas como o Mexicano de nascimento é mais brasileiro do que esses pulhas que não tem a menor idéa do que é dedicação á patria, elles não podem comprehendêr a grandeza de carácter de quem Ihes faz a honra de ser seu patrício.

Ha, dizem, um grande partido chamado *nativista*. Não me admiro; em toda parte ha imbecis.

Aqui, porém, na America, no Brasil, quem fôr nativista é mais do que imbecil, é... tudo o que quizerem... Sobre-tudo quando se trata de Arte.

Eu queria só saber se os taes nativistas que nasceram ou em Jacarepaguá, ou na cidade da Meia Pataca, ou alhures, foram consultados acerca da escolha de sua nacionalidade quando a parteira lhes cortou o umbigo?!

Ora bolas!

X.

A SEMANA

Ah! meus senhores, no Rio Grande
Quem pise agora corre seu risco,
Pois não ha força que o braço abrande
Do João Francisco.

Demais o homem tem companheiro
Valente, como — só elles dois.
Chama-se o amigo Vital Ribeiro,
Que mata gente, que rouba bois.

Os telegrammas mentir não deixam.
Os de Rivera dizem que o affito
Vital (e os diarios todos se queixam)
Degolou oito.

Oito pessoas que acreditaram
Nas garantias que lhes sorriram,
E os pés na Patria mal ensaiaram
As proprias covas com os pés abriram.

Mas não é tudo; porque ainda, afóra
Estes, por sorte tão desgraçada,
Tambem passaram uma senhora
E uma creada...

Que tal a vida no Rio Grande?
Quem pise n'elle corre o seu risco,
Pois não ha força que o braço abrande
Do magarefe João Francisco.

Deixar o officio? que sorte ingrata:
Quem pela morte morre de amores
Matando homens seu tempo mata...
Degoladores!

**

Muito embora alguns se vão
Até 30 deste mez,
Temos ainda fallação,
E consta que em... portuguez.

Por um pingo, por um dia,
(Oh! S. Sylvestre, meu bem!)
Que a sessão acabaria,
D'este anno, no anno que vem.

E como acabava aquillo!
Santo Deus! os deputados
Andam tão atabalhoados,
Que já variam de estylo!

Como se tratam! que festa!
(O silencio é feito a murro):
— V. Ex. é uma besta!
— E V. Ex. é um burro!

— Onde escondeste a navalha?
— Pôdes fallar, não te escuto.
— Bandido, ladrão, canalha...
— Desbriado, prostituto... »

Se não acaba em dezembro,
Riria bem quem não riu.
Chamar prostituto a um membro?...
Coisa que nunca se viu!

« Chora Mané, não chora, »
Chora que já não ha mais
(E nem mais remedio agora)
Os Bancos Regionaes.
Foi-se a emenda mar afóra...
Maldita emenda onde vaes?
E ella, curva, vae-se embora!
E tudo me diz agora
Que não virá nunca mais.
Cahiste, emenda, em mā hora,
« Chora Mané, não chora. »
Adeus Bancos Regionaes!

F. MENDES.

O ALCOOLISMO

Os jornaes da semana referiram o caso extraordinario, unico, pavoroso e fantatico, de uma menina de 6 annos que morreu por ter abusado do alcool: por haver tragado de um só jacto meia garrafa de paraty.

E' simplesmente horroroso este caso de alcoolismo!

O que se consome na capital federal, ex-muito-leal-e-heroica-cidade de S. Sebastião, de bebedas alcoolicas e productos derivados da mesma substancia em extre-tremo perniciosa, ninguem o imagina nem pode ayiliar. A repartição da estatistica, que alias não pôde estabelecer um computo, nem mesmo approximado, da populaçao fixa nem da adventicia d'esta capital, seria incapaz de traçar um mappa em que se encontrasse algarismos quasi verídicos, relativos á quantidade de alcool que esta heroica populaçao deglute durante o dia, a semana, o mez, o anno. O alcool, ou cousa que o valha, que a mesma populaçao ingere, do mesmo modo illudida, como o outro que usa por pomada de cheiro cousa muito diversa, — o alcool tem caminhado muitissimo entre nós, na sua conquista victoriosa, cada vez mais notavel.

Mas, uma menina de seis annos, morrer por haver bebido meia garrafa de paraty! E' muito; é demais.

Isto é symptomatico de uma dehiscencia

extraordinaria de costumes... e tambem de uma elevação enorme de grãos na ca-chaça que o povo ingere diariamente.

Pediriamos ao Sr. prefeito...

Perdão; não pedimos ao Sr. Prefeito, nem á sua junta de hygiene, nem a nenhum dos poderes municipaes, se não uma cousa: — uma cedula já impressa, para as primeiras eleições que se realizarem cá por estas bandas.

M. P.

RABISCOS

Mais algumas victimas registram os noticiarios, do assanhado espiritismo que alastrá esta cidade e pretende subvertê-a.

Mais uma mulher succumbiu allucinada; uma outra foi á polícia pedir que recolhessem ao Hospicio um seu irmão que está completamente doido, graças ás praticas spiritas, que já n'aquele Hospicio haviam atirado uma outra irmã sua.

Um medico declara pelos jornaes que o tal espiritismo matou um seu doente; os jornaes trazem uma serie de acusações terríveis contra um tal Abalo, useiro e veseiro em patifarias spiritas; e ao cabo de tudo...

**

... e ao cabo de tudo o Torterolli cada dia funda mais uma congregação, os mesmos jornaes annunciam conferencias spiritas, e a cousa vai alastrando, alastrando de um modo descomunalmente assombroso!

Morra quem morrer, o Torterolli vai espiritando por ahi além, e os mandingueiros vivendo à vontade, como se a cousa não fosse com elles.

E' verdade: o Sr. chefe de polícia já deu uma providencia contra a pratica da tal historia: expediu circulares aos seus delegados.

Com essas circulares e um pouco de cevada ao rabo — breve estará morto o espiritismo...

E até lá, outras victimas irão parar ao Caju ou ao casarão da praia da Saudade.

**

Aliás, no cemiterio ou no hospicio, parece que essa gente ficará mais tranquilla, no pensar do tal Abalo, — mesmo porque liberta estará de ouvir tanta tolice a propósito da celebrisada doutrina de Monroe, e mais não ouvirá fallar no arbitramento proposto pela Inglaterra, acerca da posse da Ilha da Trindade.

O inglez teve graça. Apanhou alli assim uma ilha nossa que andava esquecida e abandonada por nós; apropiou-se d'ella e agora vem muito lampeiro e disfarçado pedir uma arbitragem, isto é, que um terceiro resolva se o que é nosso é nosso mesmo, ou se do bife que nol-o bifou.

Tem graça — e pouco escrupulo; mas o arbitramento, isso creio que não terá.

Quanto ao acceso de amores por Cleveland, de que sentiu-se repentinamente attacado o senado e com elle a camara dos deputados, e que foi manifestado por intermedio de mensagens congratulatorias ao mesmo barrigudo presidente — esse acesso já passou, ou pelo menos arrefeceu muitissimo.

O Brasil, por seu congresso, perdeu uma boa occasião de ficar calado. Discutindo com a Inglaterra uma questão em que vão empenhados a sua dignidade e o seu brio, os cumprimentos a Mr. Cleveland têm a significação pouco airosa de um pedido antecipado de protecção e amparo — e o que é tanto, ou mais indigno do que o arbitramento, a que somos todos adversos. Emfim está feito e contra factos consumados não valem discussões...

**

... como n'esse triste acontecimento que impressionou a roda litteraria, e tambem a politica d'esta capital, e que enluctou uma familia respeitável — a morte de Raul Pompeia, o auctor do *Athenaeu*.

O suicidio d'esse moço, illustre pelo seu talento e notavel pela rigidez de caracter, é caso incomprehensivel e tem sido objecto de vivos commentarios.

O lamentavel desenlace d'essa existencia, que deveria ter sido consagrada unicamente à litteratura, em que o moço escriptor foi um grande, e um forte, impressionou muito, muitissimo;—e tanto, que até causou excessivas manifestações de condolencia pelo seu passamento, realmente doloroso para as letras patrias.

A camara dos deputados votou uma moção de pesar—contra as praxes e estylos d'aquella casa; e no conselho municipal já foi apresentada proposta para dar-se á rua de S. Clemente o nome de rua Raul Pompeia.

De accordó que muito valor, como litterato, tinha o finado escriptor; mas por agora dir-me-hão onde fica a rua Joaquim Manuel de Macedo, a rua Gonçalves de Magalhães, a rua Theophilo Dias, a rua Bernardo Guimarães, e muitas outras que em vão busco no indicador da casa Laemmert.

Por outro lado, se era politico e extremado, levando ás ultimas consequencias suas opiniões, é lícito perguntar em que campo vasto se exerceu a sua influencia e foi entrevista notoriamente a sua propaganda em favor de sua fé politica—a qual somos aliás os primeiros a reconhecer como a mais firme e servida pelo caracter o mais sólido? Onde a casa do parlamento em que se fez ouvir a sua palavra, qual o jornal politico em que discutiu e pregou o seu ideal—o nativismo?

Não que tenhamos sido adversarios em matéria politica, nem porque não admirassesemos sempre n'elle uma mentalidade superior, honra da nossa litteratura;—mas tais manifestações excessivas causam estranhos e trazem o cunho de um jacobinismo que de muito longe se avista...

E o que, tratando-se de um morto, respeitável por outros titulos, justifica os commentarios d'aqueles que lamentando o desastroso evento não podem deixar de extranhar que a propósito d'isso se façam homenagens de caracter politico, nas quais é visada até a pessoa do presidente da Republica, no qualificativo de assassinato emprestado a esse suicidio que todos deploramos.

Muito errado, isso que fizeram.

LÉO.

THEATROS

Apesar do calor, da falta de boas companhias, e da ausencia de novidades, sempre tem est secção alguma cousa de novo a dizer.

Parece um paradoxo, não é? Cousas novas, sem novidades, é tolice, não é?

Não é, não senhor; e a prova vou dar-a e já.

×

A primeira *cousa nova* a registrar n'esta secção é a *première* do *Burro de Carga* no Lucinda, posto em scena pela veneranda Sra. Emilia Adelaide e ensaiado pelo projecto Sr. Furtado Coelho. Não é uma cousa nova? (Refiro-me á peça; nunca jámás a nenhuma dos dous citados artistas).

Pois bem. Sendo cousa nova, não é uma novidade o tal *Burro*. Antes pelo contrario: algures, em outras revistas do anno, de Arthur e Aluizio Azevedo, de Arthur e M. Sampaio, de V. Magalhães e Filinto, de Vicente Reis e Sampaio, de todos os que tem perpetrado o ingrato genero, já vimos aquillo mesmo... para melhor.

O conto do vigario, por exemplo, tão mal explorado na *nova* revista, no *Abacachi* já era posto em scena, do mesmo modo, nos mesmos termos, com o mesmo córte, e apenas com uma diferença: com mais espirito.

Bem se vê que não é uma novidade: será uma d'essas produções que ninguem sabe por que motivo vêm ter ao palco, e nem qual a origem, o fito, o escopo, quer litterario quer especulativo, a que visam. Uma cousa sem graça nem intenção; muito aguada, muito innocua, muito mal feita, muito mal conduzida; de sorte, que, embora os pomposos annuncios, todo o mundo que foi ao Lucinda sentiu-se roubado, e mais que isso: — contristado por ver um nucleo de bons artistas sacrificados a uma exhibição de pernas — por parte das damas, e de palhaçadas — por parte dos homens.

Imaginem que a unica phrase de espirito pronunciada por um artista em scena, e que provocou o sorriso de dous sujeitos da população agglomerada no jardim, foi a seguinte: (fallava um actor á Sra. Livia, que fazia o papel de Justiça).

— Se a Senhora não pôde obrar sózinha!

Depois d'isso, os meus amaveis leitores terão a bondade de permitir que eu lhes dê as boas noites.

×

Não sem antes dizer-lhes que aquella monifada mal arranjada teve as honras de uma pateada de encommenda, — porque tambem isso é uma *réclame* para as revistas do anno —; e que a importante producção ainda continua em scena.

Por demais, acrescento que a revista teve um apuro de *mise-en-scène*, uma riqueza de vestuarios e de apotheoses, dignos de melhor sorte — digo, de menos insossa e desenxabida cousa.

×

Outra cousa nova: a reabertura do Eldorado. Não é uma novidade, creio; mas é uma cousa nova, hão de confessar.

Varios senhores e varias damas entram em scena e cantam — cantam? —, ao passo que no jardim alguns individuos e individuas bebem cerveja Pá e outras produções nacionaes.

Diz-se que em scena cantam as damas... Dir-se-hia que o inverso deveria ser registrado!

×

No Recreio Dramatico estreou uma companhia de zarzuelas.

Tambem não é uma novidade para nós, porque muito conhecidos nossos são a Sra. Ceballos e o tenor Romeu.

Como sempre, a companhia hespanhola estreou com a *Tempestade* — a mesma com que ha muitos annos as *troupe* de zarzuelas inauguraram seus trabalhos, quando vem dar ao Rio de Janeiro.

Porque isso? *Chi lo sa?*

E' uma mania, nada mais.

A Companhia é assás regular e tem conseguido do publico o favor de sua frequencia.

×

A *Rainha dos Genios* segue a sua carreira desequilibrada no Eden Lavradio. Desequilibrada, por isto: porque o seu equilibrio é instavel. Ora uma mutação de pessoal, ora uma suspensão de spectaculo porque saiu tal ou qual artista; ora o diabo com botas.

Ainda n'estes ultimos dias foi noticiado que a Sra. Pepita, que veiu substituir a Sra. Pepa, retirava-se da companhia e outra vinha assumir o seu lugar de honra...

Uma embrulhada, uma complicação enorme, que apenas vem provar que n'aquelle casa reina a maior cordialidade, que aquello é um paraíso, um verdadeiro Eden...
... Lavradio.

×

Para breve annuncia-se a reestréa (permittam o termo) da companhia Ismenia & Dias Braga, no theatro Variedades.

Não se sabe ainda com que peça reestrearão. Ha quem receie que seja com o *Monte Christo*, o tira teimas do Sr. Dias Braga; e tambem ha quem se amedronte ante a perspectiva provavel de uma *Morgadinho de Val-Flor*, a peça de resistencia da Sra. Ismenia.

Faço votos para que esses dous artistas, que entendem de sua arte e podem fazer alguma cousa em favor da rehabilitação do nosso theatro, não vão caminho identico ao que seguiu a Sra. Emilia Adelaide, cujo escopo era restabelecer o reinado do drama e acabou — ou acabará — no tal *Burro de Carga*.

Lhes desejo melhor cousa: uma boa hora de morte.

TONY.

P. S. — O redactor d'esta secção, no ultimo numero do *D. Quixote*, pronunciou-se francamente acerca da *Moema*, a opera do amador Sr. Delgado de Carvalho, dizendo que esse trabalho tinha reminiscencias de outras operas.

Seu juizo, expresso em phrase leve, como é do temperamento d'este jornal, foi talvez julgado deprimente dos creditos artisticos d'esse cavalheiro, em quem aliás reconhecemos superior talento, digno de aplauso e animação.

Nada custa a quem escreve esta secção offerecer ao Sr. Delgado de Carvalho a explicação a que faz direito, desde que pôde parecer a severos julgadores que na noticia referida havia proposito do menos-cabar o amador, que já é um artista, e negar-lhe merecimento.

Não era esse o nosso intuito. Fallámos de *reminiscencias* — e ainda insistimos em nosso juizo; de plagio, não. Se a forma pareceu aggressiva, sufficientes serão estas linhas para explicarem que não foi nosso intento deprimir — antes desejar que o talento promissor que se revelou na *Moema*, se mostre mais original em obra futura, que temos o direito de esperar d'elle.

TONY.

Agradecemos, penhoradissimos, ás directorias do Gremio Litterario Portuguez, do Pará, e do Cassino Curitybano, do Paraná, as distincções que conferiram ao nosso chefe e amigo Angelo Agostini, o primeiro conferindo-lhe o diploma de socio correspondente—e isso por proposta do digno presidente do mesmo Gremio,—e o segundo incluindo-o tambem no numero de seus socios correspondentes, por votação da assembléa d'esse Club.

Alegra-se o Angelo por vêr que seus esforços em favor da pureza e prosperidade da Republica são legitimamente avaliados, mesmo longe-d'esta capital, onde elle tem assentada a sua tenda de trabalho.

E por isso,—e por elle—agradecemos as distincções de que foi alvo.

isso elle sacrificou os seus interesses para levantar a arte nacional na sua patria adoptiva, soffrendo muitos incomodos e um sem numero de descomposturas da parte d'aqueles que se julgaram sacrificados pela reforma dos estatutos da nova Escola de Bellas-Artes.

E' evidente que si Bernardelli não tivesse o defeito, (hoje é defeito) de ser dotado de um grande coração, não só de patriota como de amigo de jovens artistas brasileiros que protegeu, elle seria mais rico, não tendo sacrificado nem o seu tempo nem a sua paciencia a aturar inumeras massadas que como reformador e director teve de supportar.

Poderia commodamente e egoisticamente, sem se importar que a Academia e a Arte Nacional fossem pela agua abaixo, ter executado os inumeros e importantes trabalhos que lhe eram encommendados. O proveito seria d'elle; e hoje, outra estatua equestre, a do Duque de Caxias, figuraria em bronze, (assim como a do Ozorio) no bello Largo do Machado.

Mas como o Mexicano de nascimento é mais brasileiro do que esses pulhas que não tem a menor idéa do que é dedicação á patria, elles não podem compreender a grandeza de caracter de quem lhes faz a honra de ser seu patrício.

Ha, dizem, um grande partido chamado *nativista*. Não me admiro; em toda parte ha imbecis.

Aqui, porém, na America, no Brasil, quem fôr nativista é mais do que imbecil, é... tudo o que quizerem... Sobre tudo quando se trata de Arte.

Eu queria só saber se os taes nativistas que nasceram ou em Jacarepaguá, ou na cidade da Meia Pataca, ou alhures, foram consultados acerca da escolha de sua nacionalidade quando a parteira lhes cortou o umbigo?!

Ora bolas!

X.

A SEMANA

Ah! meus senhores, no Rio Grande
Quem pise agora corre seu risco,
Pois não ha força que o braço abrande
Do João Francisco.

Demais o homem tem companheiro
Valente, como — só elles dois.
Chama-se o amigo Vital Ribeiro,
Que mata gente, que rouba bois.

Os telegrammas mentir não deixam.
Os de Rivera dizem que o affoto
Vital (e os diarios todos se queixam)
Degolou oito.

Oito pessoas que acreditaram
Nas garantias que lhes sorriam,
E os pés na Patria mal ensaiaram
As proprias covas com os pés abriram.

Mas não é tudo; porque ainda, afôra
Estes, por sorte tão desgraçada,
Tambem passaram uma senhora
E uma creada...

Que tal a vida no Rio Grande?
Quem pise n'elle corre o seu risco,
Pois não ha força que o braço abrande
Do magarefe João Francisco.

Deixar o officio? que sorte ingrata:
Quem pela morte morre de amores
Matando homens seu tempo mata...
Degoladores!

**

Muito embora alguns se vão
Até 30 deste mez,
Temos ainda fallação,
E consta que em... portuguez.

Por um pingo, por um dia,
(Oh! S. Sylvestre, meu bem!)
Que a sessão acabaria,
D'este anno, no anno que vem.

E como acabava aquillo!
Santo Deus! os deputados
Andam tão atabalhoados,
Que já variam de estylo!

Como se tratam! que festa!
(O silencio é feito a murro):
— V. Ex. é uma besta!
— E V. Ex. é um burro!

— Onde escondeste a navalha?
— Pôdes fallar, não te escuto.
— Bandido, ladrão, canalha...
— Desbriado, prostituto...»

Se não acaba em dezembro,
Riria bem quem não riu.
Chamar prostituto a um membro?...
Coisa que nunca se viu!

« Chora Mané, não chora, »
Chora que já não ha mais
(E nem mais remedio agora)
Os Bancos Regionaes.
Foi-se a emenda mar afôra...
Maldita emenda onde vaes?
E ella, curva, vae-se embora!
E tudo me diz agora
Que não virá nunca mais.
Cahiste, emenda, em m'a hora,
« Chora Mané, não chora. »
Adeus Bancos Regionaes!

F. MENDES.

O ALCOOLISMO

Os jornaes da semana referiram o caso extraordinario, unico, pavoroso e fantas-tico, de uma menina de 6 annos que morreu por ter abusado do alcool: por haver tragado de um só jacto meia garrafa de paraty.

E' simplesmente horroroso este caso de alcoholismo!

O que se consome na capital federal, ex-muito-leal-e-heroica-cidade de S. Sebastião, de bebedas alcoolicas e productos derivados da mesma substancia em extre-tremo perniciosa, ninguem o imagina nem pode avaliar. A repartição da estatistica, que aliás não pôde estabelecer um com-puto, nem mesmo approximado, da populaçao fixa nem da adventicia d'esta capital, seria incapaz de traçar um mappa em que se encontrasse algarismos quasi verídicos, relativos á quantidade de al-cool que esta heroica populaçao deglute durante o dia, a semana, o mez, o anno. O alcool, ou cousa que o valha, que a mesma populaçao ingere, do mesmo modo illudida, como o outro que usa por pom-mada de cheiro cousa muito diversa, — o alcool tem caminhado muitissimo entre nós, na sua conquista victoriosa, cada vez mais notavel.

Mas, uma menina de seis annos, morrer por haver bebido meia garrafa de paraty! E' muito; é demais.

Isto é symptomatico de uma dehiscencia

extraordinaria de costumes... e tambem de uma elevação enorme de grãos na ca-chaça que o povo ingere diariamente. Pediríamos ao Sr. prefeito...

Perdão; não pedimos ao Sr. Prefeito, nem á sua junta de hygiene, nem a nenhum dos poderes municipaes, se não uma causa: — uma cedula já impressa, para as primeiras eleições que se realizarem cá por estas bandas.

M. P.

RABISCOS

Mais algumas victimas registram os noti-ciarlos, do assanhado espiritismo que alastrá esta cidade e pretende subvertel-a.

Mais uma mulher succumbiu allucinada; uma outra foi á polícia pedir que recolhessem ao Hospicio um seu irmão que está completa-mente doido, graças ás praticas spiritas, que já n'aquelle Hospicio haviam atirado uma outra irmã sua.

Um medico declara pelos jornaes que o tal espiritismo matou um seu doente; os jornaes trazem uma serie de acusações terríveis contra um tal Abalo, useiro e veseiro em patifarias spiritas; e ao cabo de tudo...

**

... e ao cabo de tudo o Torterolli cada dia funda mais uma congregação, os mesmos jornaes annunciam conferencias spiritas, e a cousa vai alastrando, alastrando de um modo descom-munalmente assombroso!

Morra quem morrer, o Torterolli vai espi-ritando por ahi além, e os mandingueiros vi-vendo á vontade, como se a cousa não fosse com elles.

E' verdade: o Sr. chefe de polícia já deu uma providencia contra a pratica da tal historia: expediu circulares aos seus delegados.

Com essas circulares e um pouco de cevada ao rabo—breve estará morto o espiritismo...

E até lá, outras victimas irão parar ao Cajú ou ao casarão da praia da Saudade.

**

Aliás, no cemiterio ou no hospicio, parece que essa gente ficará mais tranquilla, no pensar do tal Abalo,—mesmo porque liberta estará de ouvir tanta tolice a propósito da celebrisada doutrina de Monroe, e mais não ouvirá fallar no arbitramento proposto pela Inglaterra, acerca da posse da Ilha da Trindade.

O inglez teve graça. Apanhou alli assim uma ilha nossa que andava esquecida e aban-donada por nós; apropriou-se d'ella e agora vem muito lampeiro e disfarçado pedir uma ar-bitragem, isto é, que um terceiro resolva se o que é nosso é nosso mesmo, ou se do bife que nol-o bifou.

Tem graça—e pouco escrupulo; mas o ar-bitramento, isso creio que não terá.

Quanto ao accesso de amores por Cleve-land, de que sentiu-sc repentinamente attacado o senado e com elle a camara dos deputados, e que foi manifestado por intermedio de mensa-gens congratulatorias ao mesmo barrigudo pre-sidente — esse accesso já passou, ou pelo menos arrefeceu muitissimo.

O Brasil, por seu congresso, perdeu uma boa occasião de ficar calado. Discutindo com a Inglaterra uma questão em que vão empenha-dos a sua dignidade e o seu brio, os cumprimen-tos a Mr. Cleveland têm a significação pouco airosa de um pedido antecipado de protecção e amparo—e o que é tanto, ou mais indigno do que o arbitramento, a que somos todos adversos. Emfim está feito e contra factos consum-mados não valem discussões...

**

... como n'esse triste acontecimento que im-pressionou a roda litteraria, e tambem a politica d'esta capital, e que enluctou uma familia res-peitável — a morte de Raul Pompeia, o auctor do *Athenaeu*.

O suicidio d'esse moço, illustre pelo seu talento e notável pela rigidez de carácter, é caso incomprehensivel e tem sido objecto de vivos commentarios.

O lamentavel desenlace d'essa existencia, que deveria ter sido consagrada unicamente à litteratura, em que o moço escriptor foi um grande, e um forte, impressionou muito, muitíssimo; — e tanto, que até causou excessivas manifestações de condolencia pelo seu passamento, realmente doloroso para as letras patrias.

A camara dos deputados votou uma moção de pesar—contra as praxes e estilos d'aquelle casa; e no conselho municipal já foi apresentada proposta para dar-se à rua de S. Clemente o nome de rua Raul Pompeia.

De accórdô que muito valor, como litterato, tinha o finado escriptor; mas por agora dir-me-hão onde fica a rua Joaquim Manuel de Mamedo, a rua Gonçalves de Magalhães, a rua Theophilo Dias, a rua Bernardo Guimarães, e muitas outras que em vão busco no indicador da casa Laemmert.

Por outro lado, se era politico e extremado, levando ás ultimas consequencias suas opiniões, é lícito perguntar em que campo vasto se exerceu a sua influencia e foi entrevista notoriamente a sua propaganda em favor de sua fé politica—a qual somos aliás os primeiros a reconhecer como a mais firme e servida pelo carácter o mais sólido? Onde a casa do parlamento em que se fez ouvir a sua palavra, qual o jornal politico em que discutiu e pregou o seu ideal—o nativismo?

Não que tenhamos sido adversários em matéria politica, nem porque não admirassemos sempre n'elle uma mentalidade superior, honra da nossa litteratura; — mas taes manifestações excessivas causam estranheza e trazem o cunho de um jacobinismo que de muito longe se avistava...

E o que, tratando-se de um morto, respeitável por outros títulos, justifica os commentarios d'aquelles que lamentando o desastroso evento não podem deixar de extranhar que a propósito d'isso se façam homenagens de carácter politico, nas quais é visada até a pessoa do presidente da Republica, no qualificativo de assassinato emprestado a esse suicídio que todos deploramos.

Muito errado, isso que fizeram.

Léo.

THEATROS

Apesar do calor, da falta de boas companhias, e da ausencia de novidades, sempre tem est secção alguma cousa de novo a dizer.

Parece um paradoxo, não é? Cousas novas, sem novidades, é tolice, não é?

Não é, não senhor; e a prova vou dala e já.



A primeira *cousa nova* a registrar n'esta secção é a *première* do *Burro de Carga* no Lucinda, posto em scena pela veneranda Sra. Emilia Adelaide e ensaiado pelo projecto Sr. Furtado Coelho. Não é uma *cousa nova*? (Refiro-me á peça; nunca jámás a nenhuma dos dous citados artistas).

Pois bem. Sendo *cousa nova*, não é uma novidade o tal *Burro*. Antes pelo contrario: algures, em outras revistas do anno, de Arthur e Aluizio Azevedo, de Arthur e M. Sampaio, de V. Magalhães e Filinto, de Vicente Reis e Sampaio, de todos os que tem perpetrado o ingrato genero, já vimos aquillo mesmo... para melhor.

O conto do vigario, por exemplo, tão mal explorado na *nova* revista, no *Abacachi* já era posto em scena, do mesmo modo, nos mesmos termos, com o mesmo corte, e apenas com uma diferença: com mais espirito.

Bem se vê que não é uma novidade: será uma d'essas produções que ninguem sabe por que motivo vêm ter ao palco, e nem qual a origem, o fito, o escopo, quer litterario quer especulativo, a que visam. Uma cousa sem graça nem intenção; muito aguada, muito innocua, muito mal feita, muito mal conduzida; de sorte, que, embora os pomposos annuncios, todo o mundo que foi ao Lucinda sentiu-se roubado, e mais que isso: — contristado por ver um nucleo de bons artistas sacrificados a uma exhibição de pernas — por parte das damas, e de palhaçadas — por parte dos homens.

Imaginem que a unica phrase de espirito pronunciada por um artista em scena, e que provocou o sorriso de dous sujeitos da população agglomerada no jardim, foi a seguinte: (fallava um actor á Sra. Livia, que fazia o papel de Justiça).

— Se a Senhora não pôde obrar sózinha!

Depois d'isso, os meus amaveis leitores terão a bondade de permitir que eu lhes dê as boas noites.



Não sem antes dizer-lhes que aquella modinifada mal arranjada teve as honras de uma pateada de encommenda, — porque tambem isso é uma *réclame* para as revistas do anno — ; e que a importante producção ainda continua em scena.

Por demais, acrescento que a revista teve um apuro de *mise-en-scène*, uma riqueza de vestuarios e de apoteoses, dignos de melhor sorte — digo, de menos insossa e desenxabida cousa.



Outra cousa nova: a reabertura do Eldorado. Não é uma novidade, creio; mas é uma cousa nova, hão de confessar.

Varios senhores e varias damas entram em scena e cantam — cantam? — , ao passo que no jardim alguns individuos e individuas bebem cerveja Pá e outras producções nacionaes.

Diz-se que em scena cantam as damas... Dir-se-hia que o inverso deveria ser registrado!



No Recreio Dramatico estreou uma companhia de zarzuellas.

Tambem não é uma novidade para nós, porque muito conhecidos nossos são a Sra. Ceballos e o tenor Romeu.

Como sempre, a companhia hespanhola estreou com a *Tempestade* — a mesma com que ha muitos annos as *troupe* de zarzuellas inauguraram seus trabalhos, quando vem dar ao Rio de Janeiro.

Porque isso? *Chi lo sa?*

E' uma mania, nada mais.

A Companhia é assás regular e tem conseguido do publico o favor de sua frequencia.



A *Rainha dos Genios* segue a sua carreira desequilibrada no Eden Lavradio. Desequilibrada, por isto: porque o seu equilibrio é instavel. ora uma mutação de pessoal, ora uma suspensão de spectaculo porque saiu tal ou qual artista; ora o diabo com botas.

Ainda n'estes ultimos dias foi noticiado que a Sra. Pepita, que veiu substituir a Sra. Pepa, retirava-se da companhia e outra vinha assumir o seu lugar de honra...

Uma embrulhada, uma complicação enorme, que apenas vem provar que n'aquelle casa reina a maior cordialidade, que aquillo é um paraíso, um verdadeiro Eden...
... Lavradio.



Para breve annuncia-se a reestréa (permittam o termo) da companhia Ismenia & Dias Braga, no theatro Vriedades.

Não se sabe ainda com que peça reestreiarão. Ha quem receie que seja com o *Monte Christo*, o tira teimas do Sr. Dias Braga; e tambem ha quem se amedronte ante a perspectiva provavel de uma *Morgadinho de Val-Flor*, a peça de resistencia da Sra. Ismenia.

Faço votos para que esses dous artistas, que entendem de sua arte e podem fazer alguma cousa em favor da rehabilitação do nosso theatro, não vão caminho identico ao que seguiu a Sra. Emilia Adelaide, cujo escopo era restabelecer o reinado do drama e acabou — ou acabará — no tal *Burro de Carga*.

Lhes desejo melhor cousa: uma boa hora de morte.

TONY.

P. S. — O redactor d'esta secção, no ultimo numero do *D. Quixote*, pronunciou-se francamente acerca da *Moema*, a opera do amador Sr. Delgado de Carvalho, dizendo que esse trabalho tinha reminiscencias de outras operas.

Seu juizo, expresso em phrase leve, como é do temperamento d'este jornal, foi talvez julgado deprimente dos creditos artisticos d'esse cavalheiro, em quem aliás reconhecemos superior talento, digno de aplauso e animação.

Nada custa a quem escreve esta secção offerecer ao Sr. Delgado de Carvalho a explicação a que faz direito, desde que pôde parecer a severos julgadores que na noticia referida havia proposito do menos-cabar o amador, que já é um artista, e negar-lhe merecimento.

Não era esse o nosso intuito. Fallámos de *reminiscencias* — e ainda insistimos em nosso juizo; de plagio, não. Se a forma pareceu aggressiva, sufficientes serão estas linhas para explicarem que não foi nosso intento deprimir — antes desejar que o talento promissor que se revelou na *Moema*, se mostre mais original em obra futura, que temos o direito de esperar d'elle.

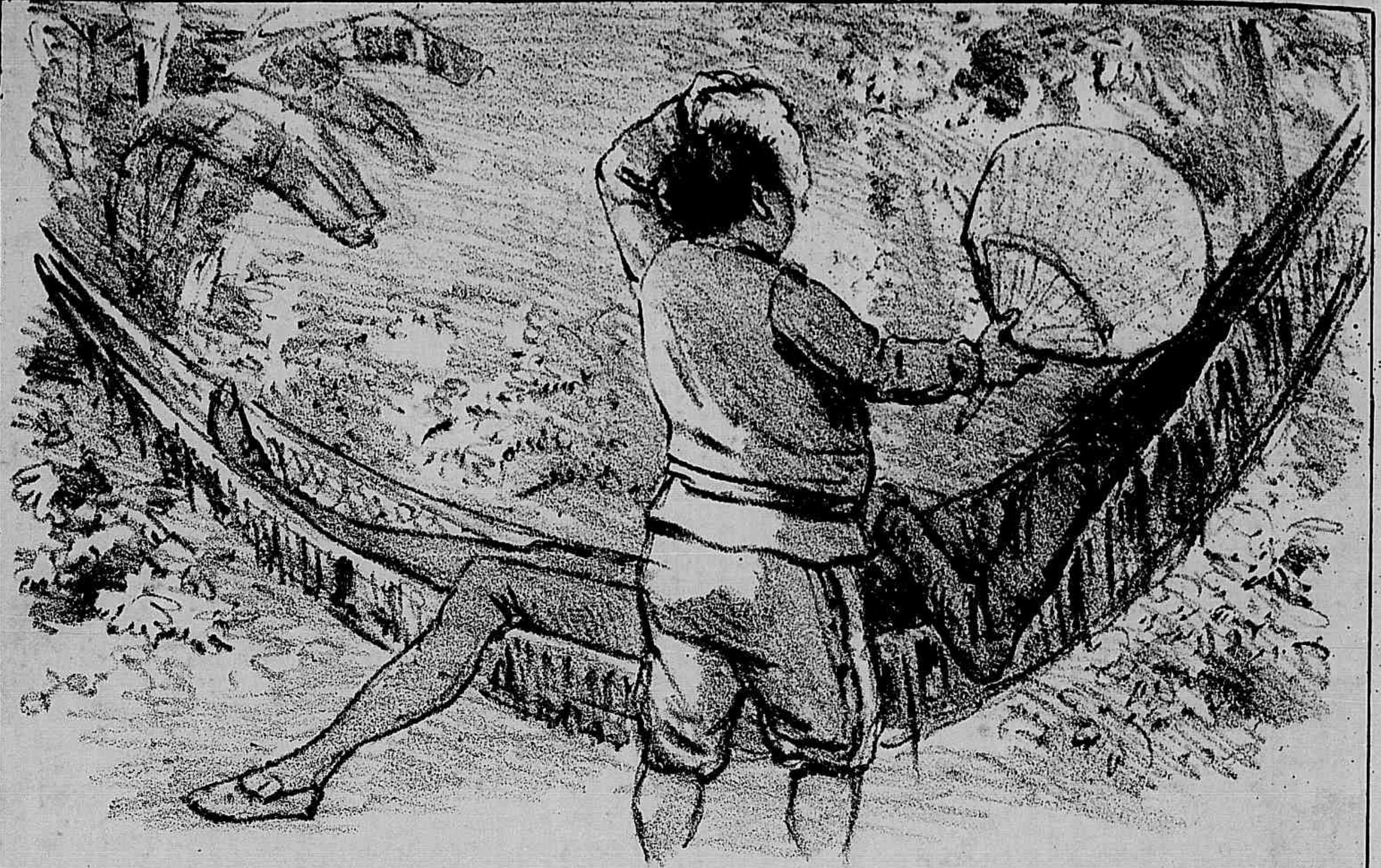
TONY.



Agradecemos, penhoradissimos, ás directorias do Gremio Litterario Portuguez, do Pará, e do Cassino Curybano, do Paraná, as distincções que conferiram ao nosso chefe e amigo Angelo Agostini, o primeiro conferindo-lhe o diploma de socio correspondente — e isso por proposta do digno presidente do mesmo Gremio, — e o segundo incluindo-o tambem no numero de seus socios correspondentes, por votação da assembléa d'esse Club.

Alegre-se o Angelo por vêr que seus esforços em favor da pureza e prosperidade da Republica são legitimamente avaliados, mesmo longe d'esta capital, onde elle tem assentada a sua tenda de trabalho.

E por isso, — e por elle — agradecemos as distincções de que foi alvo.



Sancho Pança - É dizer que ainda há vinte dias nós tiritavammos de frio! Uff!!



A.

D.Q - Então, adeus meu velho! Não foste dos melhores, mas também não foste dos peiores... Desejo-te boa saída.

S.P. - É melhores entradas... de assignantes.